

Artigos

Leitura e disciplina em *Didascálicon*¹ de *Studio Legendi*: o caminho até a *Sapientia*²

Reading and discipline in Studio Legendi's Didascálicon: the road to Sapientia

Carolina Peixoto Gontijo De Oliveira Bonetti ¹
Conceição Solange Bution Perin ²
Lía Viguria Guerendiáin ³

¹Doutora em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora da Rede Municipal de Educação de Paranavaí-PR.

✉ carolina_p_gontijo@hotmail.com

²Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

✉ solperin01@gmail.com

³Doutora em Educação pela Universidad Nacional de Educación a Distancia de Madrid (Uned/Madrid). Professora Associada da Universidad Rey Juan Carlos, Madrid.

✉ lia.viguria@gmail.com

Palavras-chave:

História da Educação;
Hugo de São Vítor;
Didascálicon de *Studio Legendi*;
Leitura.

Resumo

Neste artigo, analisamos como a leitura e a disciplina, propostas pelo método de ensino de Hugo de São Vítor (1096-1141), direcionaram os alunos da Escola Abadia de São Vítor (em Paris) à *Sapientia*. Nosso objetivo, estando fundamentados no conceito de Longa Duração e da História Social, foi abordar o estudo disciplinado e a leitura como questões que não superam o tempo histórico. Nossa fonte principal foi a obra *Didascálicon de Studio Legendi* (2001 [1127]), e com ela buscamos entender como a proposta pedagógica hugoniana pretendeu formar os estudantes da Escola Abadia São Vítor, no século XII. Para isso, explanamos sobre as condições preliminares para o uso desse método, conforme delineado em *Didascálicon*; exploramos as etapas recomendadas como o percurso que conduziria os estudantes à sabedoria, utilizando os caminhos da leitura. Propomos aos leitores deste texto uma reflexão sobre a atemporal necessidade que um bom estudo tem para a formação humana, e para isto utilizamos - além da fonte principal - alguns dados da última edição do Indicador de Alfabetismo Funcional - INAF. A relevância da discussão que propomos apoia-se no entendimento de que textos históricos e clássicos, como *Didascálicon*, além de favorecerem nossa autonomia intelectual, melhoram nossas habilidades de abstração, de estudo e de pesquisa com o desafio de observar o passado, as prioridades da época,

¹ “Coisas concernentes à escola” (Marchionni, 2001, p. 10).

² Este artigo deriva dos resultados de nossas pesquisas de mestrado e seu conteúdo também compõe a dissertação intitulada ‘Leitura e Memória em *Didascálicon de Studio Legendi*: Recursos Didáticos Atemporais’, entregue como requisito necessário para obtenção do título de Mestre em Ensino, pelo PPIFOR (Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar), realizado na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), *campus* de Paranavaí, sob orientação da Professora Doutora Conceição Solange Bution Perin (UNESPAR). Este artigo também foi aceito para ser socializado como Comunicação Individual e compor os anais do XII Congresso brasileiro de História da Educação, da Sociedade Brasileira de História da Educação.

e os homens a quem os escritos se dirigiam colaboram com nossa compreensão do que vivemos no presente.

Key-Words:

History of Education;
Education;
Hugo of St. Victor;
Reading.

Abstract

In this paper, we examine how reading and discipline, proposed by the teaching method of Hugo of St. Victor (1096-1141), allow man to reach *Sapientia*. Based on the concept of Long Duration and Social History, we aimed to deal with disciplined study and reading as matters that do not transcend historical time. The main source was the *Didascálicon de Studio Legendi* (2001 [1127]), and we tried to understand how its proposal intended to educate the student of the 12th century. To do this, we explain the preliminary conditions for the use of the method and approach the path to wisdom through reading. Its relevance is based on the understanding that historical texts and classics, such as *Didascálicon*, favor our intellectual autonomy, improve abstraction, study and research skills when challenging us to understand the past, the priorities of the time, and the men to whom the writings were addressed.

1 INTRODUÇÃO

O estudo da História pode despertar em nós a sensação de estarmos caminhando para acontecimentos que poderiam ser evitados. Isso porque o que temos como conhecimento histórico pode ser mais nosso (do presente) do que do passado. Quando o estudamos, levamos a ele questões atuais, e o enxergamos com nossas próprias lentes (Mendes, 2011). Essa dinâmica só é possível em nossas pesquisas porque temos como objeto o homem, o seu comportamento e as suas interpretações sobre o seu tempo. O homem, apesar de estar em constante movimento, possui feições perenes que o fazem ser reconhecido em qualquer período (Bloch, 2002). Compreendendo que a abstração e o intelecto são partes essenciais da formação humana, investigamos, fundamentados no método de Hugo de São Vítor, como a leitura e a disciplina favoreceriam os estudantes da Escola da Abadia de São Vítor no desenvolvimento do seu intelecto e daria a possibilidade de alcançar a *Sapientia*.

No tempo presente, século XXI, observamos leis e decretos que zelam e incentivam a busca pelo conhecimento desde a mais tenra idade. A exemplo de como a educação é pauta das discussões de nossa sociedade está a Constituição Federal de 1988, ainda em vigor nos nossos dias. Em seu artigo 205 lemos que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil [Constituição (1988)]). Entretanto, a previsão de tal direito não parece ter garantido a formação intelectual adequada para boa parte dos brasileiros. Os resultados da última edição do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF)³ revela uma realidade complexa.

Os dados divulgados sobre a edição de 2018 mostram que somente 34% das pessoas com ensino superior – e que participaram dos testes – alcançaram o nível de Alfabetização Proficiente⁴. O percentual maior de participantes, de 37%, está classificado como intermediário. Nesse nível, como exemplo, o participante encontra-se com habilidades para localizar informações expressas de modo literal em diversos tipos de textos, sendo capaz de realizar pequenas inferências (INAF, 2018). Essas informações impulsionam nossas pesquisas por nos fazerem refletir e questionar se a educação escolar de nosso tempo recebe a atenção e o cuidado merecidos.

³ Pesquisa idealizada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, realizada com o apoio do IBOPE Inteligência (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) e coordenada pela Conhecimento Social.

⁴ O indicador utiliza cinco níveis de alfabetismo, sendo eles: analfabeto, rudimentar, elementar, intermediário e proficiente (INAF, 2018).

Passado e presente estão unidos pelo movimento criado pelos homens, e propomos aos leitores deste texto uma reflexão sobre os dias de hoje, considerando os conhecimentos construídos historicamente. Segundo Guizot (1907), a História é o laço que nos une ao passado. Com ela conhecemos os projetos de formações de autores como Hugo de São Vítor, que se preocupou com a natureza humana, suas características e com alguns conceitos que perduram ao longo do tempo. A História nos permite entender que, em diferentes contextos, as exigências sociais proporcionaram debates para a formação intelectual. Portanto, o objetivo é analisar como o intelecto, seja no passado ou no presente, estabelece a relação direta entre o estudo e a prática, relacionando o seu desenvolvimento com a leitura e a escrita. Não basta conhecer, é preciso usar o conhecimento para se transformar e ter comportamentos mais humanos, ou melhor, agir pensando no coletivo.

Nossa metodologia de pesquisa, amparada em Braudel (1978), considera que a História pode ser observada sob diversos ritmos, todavia elegemos a perspectiva de Longa Duração para interrogarmos nossa fonte. Entendemos que a história estrutural nos ajuda a observar as permanências e as feições das culturas que são estáveis e que podem dar a característica de várias gerações em uma mesma região. Escolhermos *Didascálicon de Studio Legendi* (2001 [1127]) como fonte, um livro pedagógico direcionado a alunos, escrito em meados de 1127. Seu autor está dentre os estudiosos que colaboraram com as discussões sobre a formação humana e histórica: Hugo de São Vítor (1096-1141). Nessa obra, o autor aborda a leitura como meio de estudo e de desenvolvimento intelectual (Marchionni, 2001).

O período em que o mestre vitorino viveu foi palco de diversas transições da cultura ocidental. As cidades estavam tomando forma, era necessário preparar homens com conhecimentos e comportamentos próprios do (e para o) ambiente em que viviam. De acordo com Le Goff (2006), além dos clérigos, alguns outros homens instruídos colaboraram com esse ideal formativo. Eram docentes de gramática e retórica, advogados, juízes e notários. Deram fisionomia às cidades medievais e por isso foram considerados intelectuais do crescimento urbano, exercendo conhecimentos da escritura, do direito, das artes liberais e das mecânicas.

Hugo de São Vítor foi mestre na escola da Abadia de São Vítor, na cidade de Paris. Fundamentado no pensamento cristão, suas instruções formativas consideravam, acima de tudo, a condição espiritual do ser humano, visto que, distante da imagem divina, o ser humano apresenta comportamentos que geram injustiças sociais. Entre os séculos XI e XII, muitas lutas aconteceram em prol da liberdade dos camponeses, e as atitudes arbitrarias dos senhores feudais começaram a serem rechaçadas (Le Goff, 2006). O homem cidadão precisava ser livre para que a cidade se organizasse. Para aquele novo modo de organização, era necessária uma nova conduta ao homem, e que, em liberdade, cada um se responsabilizasse pelos seus atos.

A obra *Didascálicon* (2001 [1127]) valoriza o potencial que seu método de estudos oferece. Sua proposta é a de levar o ser humano ao conhecimento amplo de si mesmo e de seu Criador. Alcançando esse intento, criatura e Criador tornar-se-iam amigos novamente; o homem desenvolveria suas habilidades intelectivas de memória e de abstração e, conseqüentemente, tornar-se-ia mais sábio. Os preceitos do mestre estão para além do ato mecânico de ler, uma vez que ele valoriza a 'leitura adequada' de 'textos previamente selecionados'. Entretanto, para que a proposta hugoniana se consolide, o livro aponta o anseio de aprender como um pré-requisito.

Didascálicon (2001 [1127]), apesar de ter sido escrito há mais de 800 anos, ainda suscita reflexões sobre a natureza humana, suas características e os conceitos perenes a seu respeito. A proposta do mestre vitorino revela-nos o processo educativo e as teorias que influenciaram e formaram o homem daquele tempo e naquela região. E é com esse 'passeio teórico' sobre o homem e o seu processo de longa duração, fundamentamos nossas pesquisas em Educação. Como entender a educação atual e

suas prioridades com a formação do homem, sem analisá-la na linha de História e Historiografia da Educação? Ao nosso ver, é quase impossível sabermos das nossas origens e sobre os aspectos comportamentais intelectuais que temos, hoje, como formativos, sem compreender o desenvolvimento e a preocupação com a educação ocorrida no passado.

Nesse sentido, propomo-nos abordar algumas características sugeridas ao estudante no método de Hugo de São Vítor. Essas habilidades podem ser consideradas como caminho para a aquisição do conhecimento. A disciplina adequada favorece o aprendizado do conhecimento científico que, tornando-se racional desenvolve o intelecto. Nosso autor entende que quando o intelecto é bem desenvolvido e trabalhado com competência, é possível que o estudante atinja a sabedoria.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Condições preliminares para o estudo: rumo à *Sapientia*

Tomás de Aquino (1225-1274) defendeu a ideia de que “[...] o que diferencia os homens dos demais elementos da natureza é a sua capacidade de pensar, de usar seu intelecto cognitivo” (Oliveira, 2012, p.101). A inteligência, por isso, deveria ser usada para melhorar a humanidade e auxiliá-la na busca do bem comum. Hugo de São Vítor também escreveu sobre as capacidades intelectivas humanas, chamando-as de ‘potências da alma’. Ele afirma que, especialmente a terceira potência – a responsável pela abstração –, é o que torna o homem superior aos outros seres criados (Hugo de São Vítor, *Didascálicon... L. I, C. 3, § 5º*).

Hugo de São Vítor explicou que, apoiada na razão e na mente, a terceira potência da alma humana usa as informações vindas dos órgãos dos sentidos para compreender questões do presente e perceber fatos ausentes. Essa faculdade relaciona e combina informações, interpretando-as em busca de solucionar problemas abstratos. No entanto, a habilidade de abstração e o conhecimento, sozinhos, não levariam o homem à sabedoria. Alcançar a *Sapientia*⁵ seria intento daqueles que, nesse processo de aprendizado, se aproximassem de sua natureza original (à imagem do seu Criador), o que remete a um perfil comportamental virtuoso, moderado por sabedoria.

Ora, a *Sapientia*, como moderadora das atitudes do homem, colabora com a similitude divina no homem (Bonetti, Perin, 2023), logo, o comportamento equilibrado e a escolha pelo caminho da virtude seriam atitudes tomadas com o uso da razão (principal característica divina dada ao homem no momento da criação). Dessa maneira, o homem esclarecido deveria recorrer à memória para: encontrar em si a bondade concedida pelo Criador e; encontrar, na História, recursos que o auxiliem em suas decisões. Dentro de um contexto de mudanças, *Didascálicon* (2001 [1127]) valoriza a reflexão que o conhecimento suscita, e entende que o estudo (por meio da leitura) colabora com a compreensão das regras estabelecidas, dos valores humanos e com o processo de humanização (Perin, Santiago, 2016). Os mestres medievais esperavam que o conhecimento gerasse um compromisso mútuo pelo bem comum.

Com a convivência em um ambiente cada vez mais urbanizado, os homens do início do século XII necessitavam compreender como se relacionar com pessoas diferentes com costumes diferentes daqueles do seu núcleo familiar. Este era um dos desafios que poderiam ser superados pelos que adotassem comportamentos virtuosos. Temos o intelectual João de Salisbury (1115 – 1180) que “[...] confiava em um convívio social harmonioso, forjado pelas filigranas das palavras eloquentes, fossem estas escritas ou

⁵ O termo *Sapientia*, sob a perspectiva hugoniana, está para além de um estágio do conhecimento ou uma sabedoria qualquer. Refere-se à perfeição expressa na segunda pessoa da trindade, o Filho.

faladas” (Lanzieri Júnior, 2017, p. 246). Buscar a harmonia social era considerada indispensável para Salisbury, o que se assemelha à proposta educativa de Hugo de São Vítor.

Uma das características pedagógicas do método de estudos que analisamos em *Didascálicon* foi a de sugerir o início das leituras por assuntos simples, para, gradativamente, atingir-se os mais complexos. Por isso, ele indica uma divisão quadripartida dos saberes filosóficos: “Nestas quatro partes da filosofia deve ser observada esta ordem no ensino: primeiro seja posta a lógica, em segundo lugar a ética, em terceiro lugar a teórica, em quarto lugar a mecânica” (Hugo de São Vítor, *Didascálicon... Apêndice A, § 11*).

Comparando o ato de estudar com o alicerce de uma construção, o autor aponta que os estudos e leituras deveriam se iniciar com os conteúdos das ciências que atendessem às necessidades cotidianas do homem: a lógica (versando sobre a eloquência e a habilidade de elaborar argumentos com coerência); e, em seguida, a ética – considerada como meio de estudo da virtude – com a qual os olhos do coração seriam purificados e preparados para a investigação da verdade. Esses seriam os fundamentos para a construção do saber.

Com a memória fortificada e o intelecto exercitado, entrariam em cena os conteúdos sagrados (que estão na Ciência teórica juntamente com a Matemática e a Física): “A teologia trata das substâncias invisíveis, a física das causas invisíveis das coisas visíveis, a matemática das formas invisíveis das coisas visíveis” (Hugo de São Vítor, *Didascálicon... Apêndice A, § 7º*). Finalmente, adquirindo esses conhecimentos, os quais ele acreditava pertencerem ao mundo do “Artífice supralunar” (Divino), o estudante estaria preparado para aprender as Artes Mecânicas, “[...] que por si é totalmente ineficaz, se não se apoia nas razões das precedentes” (Hugo de São Vítor, *Didascálicon... Apêndice A, § 11*). Essas foram inseridas no currículo de estudos de *Didascálicon* (2001 [1127]), e foram consideradas por ele ciências⁶, assim como a lógica e a prática.

Enquanto fez recomendações sobre a ordem e a escolha das leituras, o mestre vitorino discorreu sobre as habilidades necessárias para que o estudo fosse proveitoso. A memória, por exemplo, foi um dos elementos principais para a constituição e uso da literatura antiga e medieval. Os manuscritos não eram paginados, e a localização dos excertos exigia um esforço mnemônico diverso ao que empenhamos nas leituras de hoje (Le Goff, 1990). Entretanto, observa-se que os preceitos de *Didascálicon* (2001 [1127]) enfatizam que o processo de abstração depende tanto das capacidades de memorização quanto da inteligência.

A memória está elencada junto à inteligência e ambas são evocadas como dons necessários ao estudo. Elas “[...] estão tão conexas que, se uma faltar, a outra não pode conduzir ninguém para a perfeição [...]” (Hugo de São Vítor, *Didascálicon... L. III, C. 7, § 1º*), já que a inteligência conquista a sabedoria, e a memória é quem a perpetua. Elas desempenham o trabalho da força da alma racional (terceira potência da alma), algo especialmente humano. Para o processo de abstração acontecer, é necessário que, em companhia da inteligência, a memória retenha as informações apreendidas, tornando-as conhecimentos que serão extraídos e utilizados em momento oportuno. Se, para apreender algo, é necessário o uso da memória, logo o esforço pessoal é indispensável para recordar a sequência do que foi lido.

⁶ As artes mecânicas foram divididas por Hugo de São Vítor em sete ciências, que por sua vez, foram subdivididas em dois grupos. Assim, comparou-as ao Trivium e ao Quadrivium por considerar a sustentação oferecida por cada grupo. As ciências da lã, das armas e da navegação foram relacionadas ao Trivium, pois se ocupam de proteger a natureza externa do homem. Já as ciências da agricultura, da caça, da medicina e do teatro foram comparadas ao Quadrivium, por darem suporte às questões internas do ser humano.

Memória e inteligência desenvolvem-se simultaneamente, pois estão lado a lado durante todo o processo de estudo. Elas colaboram com as associações de assuntos que facilitam o aprendizado. Para esse exercício de memória e inteligência, o mestre vitorino destacou a importância de se recorrer à *lectio*⁷ e de seguir suas sugestões de ordem para as leituras. Dentre os hábitos inerentes ao bom estudo estão: a análise minuciosa (meditação), a dedicação à pesquisa (esforço e dedicação em estudar) e o exílio. Essas práticas não seriam apenas atos físicos, mas agregariam à vida do estudante um esforço mental e espiritual que aperfeiçoaria a habilidade de abstração, tornando possível a compreensão e resolução de situações mais complexas.

Alcançar um nível de compreensão elevado não é tarefa fácil, e para alcançar este objetivo é inerente que se tenha hábitos responsáveis de leitura e o uso adequado das forças para interpretar e analisar aquilo que se lê. Lanzieri Júnior também compreende que para alguns mestres medievais, ler e escrever se relaciona com uma das mais nobres capacidades do ser humano, e “não a dominar era sinônimo de degradação, da incapacidade de compreender a profundidade do mundo no qual se vivia, de absorver a cultura nele presente” (2017, p. 241). Não manter bons hábitos foi considerado pelo mestre Vitorino como uma questão de cunho pedagógico que resultava nas relações sociais. Assim a obra *Didascálicon* (2001 [1127]) relata que, por esse motivo, era possível encontrar, em seu tempo, muitos estudantes, mas poucos sábios.

A leitura e a meditação que foram propostas em *Didascálicon* (2001 [1127]) não limitaram o indivíduo a uma atividade esvaziada. Pelo contrário, sugeriram que usá-las para exercitar a sensibilidade intelectual seria o caminho para formar o homem idealizado pelo mestre: aquele que utiliza sua vida em busca de conhecimentos que tornem a sua existência e a de sua comunidade virtuosas.

Expatriar-se, tanto no que diz respeito à posição geográfica como de posses, sentimentos ou qualquer outra forma de abrigo, seria um meio de deixar a zona de conforto material e emocional. O mestre sugere que, dessa forma, o estudante sofrerá menos com as mudanças que a vida proporcionará, e ainda acrescenta que se aproxima da perfeição aquele que considera o mundo todo como um exílio. Consequentemente, o apego aos assuntos terrenos seria reduzido, e os impasses cotidianos da humanidade seriam minimizados, em um exercício de elevação intelectual.

Não há relevância em possuir as qualidades genuínas para o aprendizado e não se interessar em trabalhar, ordenadamente, para obtê-lo. De igual forma, pouco facilitariam os ensinamentos do professor a um aluno desinteressado, que não decide dispensar esforços para aprender. Além de interesse, é preciso coragem para conduzir as pesquisas e os estudos. Para exemplificar melhor, o mestre vitorino menciona os pesados fardos suportados pelos antigos que se dedicaram, com amor, à sabedoria.

A renúncia e a humildade, como dois dos elementos condutores das orientações hugonianas, foram justificadas, também, sob o exemplo dos filósofos antigos, usados como modelos de dedicação e sabedoria, por trazerem mais autoridade para os ensinamentos. O mestre afirma que dos fardos pesados fazem parte o abandono de honras, de riquezas e a solidão. Ressalta, negativamente, os estudantes que “[...] se preocupam em aparecer mais ricos do que são. Cada qual já se jacta, não daquilo que aprendeu, mas daquilo que despendeu” (Hugo de São Vítor, *Didascálicon*... L. III, C. 18, § 1º). Refutando tal comportamento, o autor explica que a quietação interior e exterior promovem a honestidade e a utilidade do estudo.

⁷ A primeira forma fundamental do ensino, o processo básico, era a *lectio*, a leitura dos textos que proporcionava a aquisição do conhecimento e constituía o marco inicial da formação da cultura (Nunes, 1979, p. 324).

A decisão de organizar-se para os estudos está relacionada ao atributo da humildade. A esse respeito, o autor acrescenta: “Avalie, antes, aquilo que as tuas forças podem sustentar. Avança bem quem avança ordenadamente” (Hugo de São Vítor, *Didascálicon...* L. III, C. 13, § 6º). Como parte de sua didática, evidencia a sobriedade que envolve o espírito despretensioso e favorece a sensibilidade suave.

Didascálicon (2001 [1127]) comenta sobre os estudantes que, em seu período, pareciam não se desenvolverem bem no aprendizado. O livro sugere que as duas possíveis causas para a dificuldade em aprender seriam: não querer e/ou não saber manter um método adequado de estudo. Todavia, os estudantes interessados em melhorarem beneficiar-se-iam ao seguir as instruções hugonianas. O mestre acrescenta: “Aquele que trabalha sem método, trabalha muito, sim, mas não avança e, como a chicotear o ar, espalha as forças ao vento” (Hugo de São Vítor, *Didascálicon...* L. V, C. 5, § 3º).

A obra salienta o caso daqueles que dispunham de condições para o aprendizado, que, inclusive, poderiam se dedicar apenas ao estudo pois eram ricos, mas se corrompiam na inércia. Essas pessoas priorizavam os momentos de prazeres carnavais, não desenvolviam seu espírito ou buscavam o conhecimento. Tal assunto é relevante à nossa discussão, pois a metodologia em pauta considera necessário o esforço do homem em dominar suas vontades de maneira racional, a fim de não perverter seus comportamentos e desperdiçar o que há de mais íntimo e belo em sua essência: a possibilidade de alcançar a *Sapientia*. Os contemporâneos de Hugo de São Vítor rejeitavam o comportamento ocioso e desregrado da nobreza, pois a imobilidade nobre não havia proporcionado bons frutos ao convívio social (Le Goff, 1992). Consideravam imprescindível formar o ser humano sob nova perspectiva, que poderia ser alcançada com o exercício do intelecto, por meio da leitura e da reflexão.

A humildade é bastante mencionada na obra, sendo o princípio da disciplina moral. Por essa razão, Hugo de São Vítor aponta três ensinamentos nela baseados: “[...] 1) primeiro, não reputar de pouco valor nenhuma ciência e nenhum escrito; 2) segundo, não ter vergonha de aprender de qualquer um, 3) terceiro, não desprezar os outros depois de ter alcançado o saber [...]” (Hugo de São Vítor, *Didascálicon...* L. III, C. 13, § 1º).

Os três preceitos supramencionados podem resumir o comportamento adequado de um discípulo que procura alcançar a *Sapientia*. Estudando corretamente, ele reconhece que o que sabe é uma pequena porção da infinidade de conhecimentos existentes, e que não há um ser humano que tenha recebido a graça de conhecer tudo, atitude que o leva à simplicidade de aceitar o novo ensinamento de onde quer que venha, e sem desprezar a outrem.

Dentre os conselhos para o aprendiz, encontramos, também, em *Didascálicon* (2001 [1127]), recomendações a respeito de como deve ser a disciplina do estudante, fundamentadas na simplicidade. Hugo de São Vítor cita um sábio que diz: “Mente humilde [...] ânsia de querer, vida quieta, consideração silenciosa, pobreza, terra estrangeira, [...]. Isto costuma descortinar a muitas coisas obscuras da leitura” (Hugo de São Vítor, *Didascálicon...* L. III, C. 12, § 1º).

Todas as referidas condutas remetem a um espírito despretensioso, que se interessa no aprendizado por si só, sem esperar ser recompensado. A Humildade é considerada uma disciplina moral, que não pode ser negligenciada pelos que buscam o saber.

A prudência é o fruto de um espírito humilde, e atesta um comportamento cauteloso. As instruções hugonianas sobre um aprendizado prudente são: ouvir e aprender de todos com prazer; ler sem desprezar qualquer escrito ou doutrina; singelamente, procurar aprender com todos aquilo que não se sabe; e, o mais importante, não levar em conta o quanto se sabe, mas sim o quanto se desconhece.

Concluindo sua linha de raciocínio, Hugo de São Vitor cita um ditado platônico: “Prefiro aprender modestamente as coisas dos outros a ostentar descadamente as minhas” (Hugo de São Vitor, *Didascálicon...* L. III, C. 13, § 5º). O dito contrapõe-se aos comportamentos preteridos pelo autor a respeito da arrogância daqueles que vangloriam ter alcançado a plenitude do conhecimento, mas que se envergonham do que são e agem com soberba.

Era necessário que o bom estudante do século XII aprendesse sobre todas as artes (teórica, prática, mecânica e lógica). Ao considerar as três ciências que dizem respeito aos assuntos inteligíveis (prática, mecânica e lógica), o sujeito seria preparado para receber os conhecimentos intelectíveis⁸ (ciência teórica).

Os conselhos anteriormente apresentados seriam a base para que os interessados no estudo não se perdessem em comportamentos arrogantes, autoafirmando sua vã sabedoria – o que justamente não poderia ser considerada atitude ideal – fingindo ser o que ainda não eram, deixando de lado a oportunidade de realmente alcançarem a sabedoria e preocupando-se apenas em ostentarem tê-la. Tais atitudes poderiam, para o autor, atrasar a ascensão à sabedoria.

Para alcançar a Sapiencia, o mestre vitorino recomenda o uso da leitura e da meditação, sendo que a primeira é por ele descrita como método de exercício da inteligência e como um dos objetos de aprendizado. Ela é o assunto central da obra *Didascálicon* (2001 [1127]), e será exposta nos parágrafos a seguir.

2.2. Leitura: instrumento para alcançar a Sapiencia

No século XII, a Educação ainda não era considerada uma ferramenta para o mundo do trabalho, tampouco era vista como um produto a ser comprado/vendido⁹. Isso se dava devido a vários fatores, como: a organização econômica senhorial não depender desses saberes para funcionar; a aplicabilidade dos conhecimentos serem de caráter teórico e religioso; e, principalmente, por a organização social ser baseada em hierarquias hereditárias. Nesse período, uma revolução social, cultural, econômica e política caminhava.

Pouco a pouco, os homens medievais perceberam a necessidade do conhecimento para organizarem sua sociedade. Hugo de São Vitor, por exemplo, reorganizou o currículo tradicional das artes – que era, basicamente, teórico –, preocupando-se com o caráter prático e útil do saber técnico (Gamero, 2008). *Didascálicon de Studio Legendi* (2001 [1127]) mostra-nos a cultura que despontava no século XII. A obra dedica-se a aconselhar os aprendizes em suas tomadas de decisões, de forma que elas repercutam positivamente em suas vidas de estudo. Suas indicações valorizam a formação humana por intermédio das atividades intelectivas. Por isso, elucida que nenhum conhecimento seria insignificante, explicando que “[...] não há nenhum escrito, creio eu, que não proponha algo desejável, se é tratado no lugar e no modo devido [...]” (Hugo de São Vitor, *Didascálicon...* L. III, C. 13, § 7º). Não são somente as páginas bem escritas que efetivam o aprendizado, mas, sim, a coerência e a aplicabilidade de seus conteúdos.

⁸ “[...] Hugo reflete a doutrina pela qual a alma humana possui duas dimensões, uma intelectível, enquanto inteligência pura e simples semelhante aos corpos celestes, a outra inteligível, enquanto é ligada ao corpo e conhece os corpos sensíveis compostos” (Marchionni, 2011, p.87). Da mesma forma, foram organizados os conhecimentos.

⁹ A expressão mercadológica é utilizada para se referir ao que Gentili (1996) chama de mazelas da educação contemporânea. Ele esclarece que “[...] a grande operação estratégica do neoliberalismo consiste em transferir a educação da esfera da política para a esfera do mercado questionando assim seu caráter de direito e reduzindo-a a sua condição de propriedade” (p.15).

Hugo de São Vítor recomenda o aprendizado dos conhecimentos e escritos clássicos, por terem caráter objetivo e serem completos. Ele classifica os textos de seu período em dois tipos: as artes e os complementos das artes. A primeira categoria seria dos escritos “[...] que têm como conteúdo alguma divisão certa e determinada da filosofia, como é o caso da gramática, da dialética e coisas parecidas [...]” (Hugo de São Vítor, *Didascálicon...* L. III, C. 4, § 1º e 2º).

A outra categoria seria das obras com conteúdo não filosófico. Eram textos que, em sua opinião, não podiam ser classificados como tradicionais. A miscelânea de assuntos abordados acabaria interferindo na compreensão, desviando o foco do estudante. Por esse motivo, Hugo de São Vítor instruiu que, primeiramente, se deveria buscar a temática nas artes (nos clássicos) e deixar as fontes secundárias como complementos de estudo.

Não obstante, a recomendação é de que as leituras suplementares não fossem usadas para substituir as principais. As leituras suplementares foram elaboradas por pessoas que se fundamentaram nas fontes primárias, sendo mais interessante, então, que o discípulo se reportasse à fonte original.

O aprendiz deveria procurar equilíbrio entre quantidade e qualidade de conteúdo a estudar. Como entendemos em Aristóteles, se tratando da quantidade, “[...] se deve preferir o meio-termo e não o excesso ou a falta [...]” (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, VI, C.1, § 1º). Nem muito e nem pouco conteúdo, mas, sim, o suficiente para que alcance o fim almejado.

Adquirindo ciência sobre a natureza das coisas, por meio da investigação racional, o intelecto do homem empreende esforços para tomar decisões e chegar a conclusões (Hugo de São Vítor, *Didascálicon...* L. I, C. 3, § 5º). A aquisição desse conhecimento poderia vir da leitura, o que a torna um instrumento refinado de formação humana, e esse é um dos motivos pelos quais o autor se preocupou em oferecer fontes confiáveis aos seus alunos. Era importante que os conteúdos tivessem qualidade, pois só por meio do conhecimento (filosófico e teológico) seria possível alcançar a Sabedoria – considerada ‘ponto de referência’ para as ações dos homens cristãos do século XII.

Aristóteles acreditou que “[...] a sabedoria deve ser a razão intuitiva combinada com o conhecimento científico – uma ciência dos mais elevados objetos que recebeu, por assim dizer, a perfeição que lhe é própria” (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, VI, C. 7, § 4º). Já a nossa fonte vitorina, considera a Sabedoria (ou Sapiência) a meta para a formação humana e coloca o intelecto como recurso para alcançar esse fim. Isso porque utilizando das capacidades intelectivas inerentes ao ser humano, a leitura e a escrita tornar-se-iam a janela de acesso aos saberes. A razão, movida pela verdade e pelo desejo reto, auxilia o homem na escolha dos conteúdos e dos escritos a serem estudados. O intelecto auxilia no aprendizado em companhia da memória, que perpetuará o saber adquirido.

Didascálicon (2001 [1127]) considera que é próprio da potência racional da alma, questionar o porquê das coisas e, quando não encontra as respostas, prosseguir na investigação. Portanto, a leitura ajuda o homem a desenvolver suas habilidades intelectivas, ao desafiá-lo na busca por informações coerentes às suas indagações.

Oliveira e Boveto (2021, p. 23) ajudam-nos a compreender que para “[...] Hugo de São Vítor, é na alma humana que ocorre a renovação do espírito, pelo conhecimento da própria natureza”. Os olhos do leitor seriam portas de entrada do conhecimento para a mente humana, fazendo da leitura um instrumento útil para tornar o homem sábio, com comportamentos virtuosos.

O estilo do leitor ideal, para Hugo de São Vítor, seria aquele que deixa de ser mecânico e que, imbuído de moralidade, leva o homem a refletir sobre a natureza e, por consequência, sobre si mesmo. Para isso,

seriam necessários cinco passos: leitura; meditação; oração; prática; e contemplação (Hugo de São Vítor, Didascálicon... L. V, C. 9, § 3º). Receber as informações e não fazer uma curadoria sobre elas é insuficiente para o crescimento intelectual. Por essa razão, o segundo passo torna-se indispensável: ao meditar, o leitor assimila a aplicabilidade do saber adquirido. “Suba, portanto, para a fortaleza do discernimento, e medite como conseguir cumprir as obrigações que aprendeu” (Hugo de São Vítor, Didascálicon... L. V, C. 9, § 5º). Essas são as etapas de acesso e organização do que foi aprendido.

Como se trata de um método sugerido por um cristão, apresenta-se a ajuda divina para que aconteça o discernimento moral. Sem a ajuda de Deus, a habilidade humana torna-se insuficiente. Dessa forma, o terceiro passo é a oração. É por meio dela que o homem roga amparo divino para realizar bons atos que, até esse momento, é apenas vontade, advinda do conhecimento obtido. O quarto degrau rumo à perfeição é a prática, que se refere à boa obra. Essa ação concretizada encaminhará o estudante até a contemplação, o quinto e último passo. Sobre isso, Hugo de São Vítor assevera que é preciso ao estudante: “[...] cimentar-se na boa obra, para que, operando, mereça receber aquilo que, rezando, pede. [...] opere Deus para que você possa, e opere você também, para que mereça algo. A boa obra é a via pela qual vai-se à vida. [...] a prática procura, a contemplação encontra” (Hugo de São Vítor, Didascálicon... L. V, C. 9, § 7º e 8º).

Considerando a imperfeição humana, o método hugoniano incentiva seus seguidores a não desanimarem diante das imprevisibilidades da vida que podem levá-los para um degrau anterior ao alcançado: “E assim acontece que, mesmo tendo sempre a vontade de subir, às vezes a necessidade nos obriga a descer, de maneira tal, porém, que o nosso objetivo seja determinado pela vontade e não por esta necessidade” (Hugo de São Vítor, Didascálicon... L. V, C.9, § 8º). Diante disso, é necessário que o estudante repita as recomendações almejando o passo posterior, rumo à perfeição.

O mestre vitorino acreditava que, no momento da criação humana, Deus colocou nela bondade, sabedoria e outros atributos – conforme a imagem e semelhança do Criador (Marchionni, 2001, p.11). A concepção hugoniana acredita que o exercício da inteligência, em busca do conhecimento, torna possível a retomada da natureza original do homem, que é boa. Isso torna o estudo (por meio da leitura e da meditação) um instrumento fundamental para que o homem se humanize.

A inteligência é o ponto de partida para todo o processo de aprendizado do método em questão. Em seguida, está a memória, que deve ser educada como parte fundamental do ensino. Ela será a responsável por armazenar os conteúdos necessários à sabedoria, considerados pelo autor da obra como tesouros, cujos locais de armazenamento deverão estar reservados no coração do aprendiz.

Hugo de São Vítor entendeu que essas capacidades são forças naturais da alma humana. Entretanto, para delas fazer uso, seria necessária (por parte da pessoa) a vontade deliberada. Executar as instruções dadas para o estudo em Didascálicon (2001 [1127]) exigia dos alunos uma determinada força intelectual, anseio e dedicação. Discernir quais eram os conteúdos úteis ao aprendizado era um trabalho árduo, que exigia dinâmica intelectual.

As finalidades de todas as ações do homem, para o mestre vitorino, deveriam ser: reaproximar-se de Deus e abrandar as dificuldades que assolam a vida humana. A segunda finalidade refere-se aos conhecimentos que auxiliam a vida prática, e que vão para além da busca pela salvação individual. O mestre acrescenta que “a integridade da natureza humana é aperfeiçoada pelo conhecimento e pela virtude [...]” (Hugo de São Vítor, Didascálicon... L. V, C. 5, § 3º). É nesse aspecto de busca pelo bem comum que pressupomos a intenção de um projeto de formação humana, em Hugo de São Vítor para o século XII.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método hugoniano elenca três graus/níveis de exposição aos textos, sendo eles: a frase (ordenação de palavras), o sentido e a sentença (compreensão mais profunda, obtida pela interpretação). Para iniciar, deve-se estudar a letra; em seguida, estuda-se o sentido e; por fim, a tentativa de alcançar o nível de compreensão oriundo da interpretação. Consequentemente, a exposição (explicação, conversa sobre o tema) e o aprendizado tornam-se perfeitos. À vista disso, o aprendizado de assuntos mais complexos acontece desde que o leitor se organize a fim de avançar com passos grandes e harmoniosos nos seus estudos. Desde a Antiguidade, o homem procura/produz símbolos em que se reconheça e encontre seu lugar (Illich, 2002).

Os símbolos, signos, ou como conhecemos hoje: as letras – quando ordenadas adequadamente – são consideradas ferramentas para que os assuntos sejam repassados, conhecidos e reconhecidos. É possível buscar e encontrar a sabedoria por meio de sua leitura e interpretação. Didascálicon sugeriu etapas de estudo detalhado e aprofundado, mas que por proporcionar um conhecimento robusto, tinha como objetivo uma formação sólida. O próprio mestre vitorino ensina-nos que quem procura conhecimento pode ser considerado um peregrino à procura de sentido para o que lê. As letras, enquanto formas visíveis, podem demonstrar o sentido do que é invisível, abstrato, subjetivo e implícito.

Chegar a um nível de compreensão leitora elevado não é tarefa fácil, e para alcançá-lo é importante que haja instruções. Hugo de São Vítor fez seu papel de mestre, e incentivou os alunos de sua escola a terem hábitos responsáveis de leitura, interpretação e análise. Apresentou detalhadamente (em Didascálicon) um método que poderia colaborar com aqueles que tivessem dificuldades em realizar a leitura adequada. Ele deixou claro que o ato de ler poderia abrir a mente do estudante para novos conhecimentos, para sabedoria e comportamentos virtuosos.

Para Hugo de São Vítor, a leitura proporcionaria desenvolvimento intelectual, levando o sujeito a alcançar a Sabedoria, se assim ele decidisse. O método de estudos hugoniano propunha restaurar (por meio do conhecimento) a alma do homem (corrompida pelo pecado) que, restaurado e com suas habilidades intelectivas desenvolvidas pela leitura, repercutiria ações que beneficiariam ele e sua comunidade. Enfatizamos o quanto a decisão individual pelo estudo se fez necessária na proposta didática do mestre vitorino, isso porque a dedicação para alcançar o nível de leitura que transformaria aqueles discípulos de dentro para fora (a alma e o comportamento) exigia o uso adequado das forças.

Sem fazer analogia entre passado e presente, mas entendendo que a leitura é fundamental para o desenvolvimento intelectual (e que ambos são essenciais em qualquer momento da história), citamos os resultados do INAF. Os dados demonstram que o aumento da escolarização colaborou para a redução do índice de analfabetismo entre pessoas de 15 a 64 anos. Na edição de 2001-2002, o índice apontava 12% e, em 2018, caiu para 8% (INAF, 2018). Entretanto, sabemos que ler e escrever (sem o método adequado para a real aprendizagem e sentido de formação e transformação) não é o suficiente para formar pessoas conscientes de seu potencial intelectual.

Hugo de São Vítor apresentou a leitura como um excelente instrumento de introspecção. Com ele, o estudante identifica suas características individuais [a parte] dentro da sociedade [o todo], para agir com congruência. Contudo, quando pensamos nos leitores que temos formado, preocupam-nos os dados do Índice de Alfabetismo Funcional. A tabela abaixo mostra os resultados gerais da última edição:

Quadro 1 - Índices de alfabetização no Brasil (2018)

Níveis	2001-2002	2002-2003	2003-2004	2004-2005	2007	2009	2011	2015	2018
Analfabeto	12%	13%	12%	11%	9%	7%	6%	4%	8%
Rudimentar	27%	26%	26%	26%	25%	20%	21%	23%	22%
Elementar	28%	29%	30%	31%	32%	35%	37%	42%	34%
Intermediário	20%	21%	21%	21%	21%	27%	25%	23%	25%
Proficiente	12%	12%	12%	12%	13%	11%	11%	8%	12%
Base	2.000	2.000	2.001	2.002	2.002	2.002	2.002	2.002	2.002

* De 2001 a 2005 foram calculadas médias móveis de dois em dois anos, já que naquele período as habilidades de letramento e numeramento foram medidas separadamente em cada ano.

Fonte: INAF, 2018.

Não podemos deixar de considerar o esforço que muitos projetos desenvolvidos por professores, professoras e diversas secretarias de educação de todas as regiões do Brasil para modificar tal situação. Entretanto, entendemos que ainda há muito a se fazer e que é urgente uma mudança na educação para melhorar, não apenas os índices revelados na tabela, mas a compreensão das pessoas sobre a realidade em que vivem. Conhecer, por meio da leitura, a história de seu país e de sua comunidade requer esforço e habilidades de leitura e interpretação aprimorados.

O Quadro 1 nos apresenta que, no geral, somente 12% das pessoas participantes da amostragem do INAF, demonstraram o nível proficiente em 2018, sendo que este é o mesmo percentual da avaliação de 2001. Observa-se alguma redução da porcentagem dos níveis Analfabeto e Rudimentar, o que é positivo – ainda que pouco. Entretanto, a leitura proficiente, dentro de nossas interpretações, seria a classificação mais próxima do que Hugo de São Vítor idealizou como condição preliminar para uma formação humana integral.

Não temos a intenção de fazer com que as sugestões metodológicas de Didascálicon (2001 [1127]) sejam propostas no século XXI. Buscamos expor o fato que nos chama atenção: há pelo menos nove séculos a leitura foi considerada essencial para a formação intelectual do ser humano. Apresentamos uma obra (nossa fonte) que, por completo, tratou sobre a necessidade do estudo e tornou-se – no tempo presente – um livro clássico sobre didática e leitura. Entretanto, pouco ou nenhum avanço, no que diz respeito ao desenvolvimento intelectual daqueles que na contemporaneidade têm acesso à leitura, foi observado – ao menos em nosso país, como aponta os dados do INAF.

No que diz respeito ao processo de humanização pelas vias da educação, do qual todo ser humano passa durante sua vida, notamos a permanente relevância da educação escolar desde o período de Hugo de São Vítor até os dias de hoje (ainda que no século XII ela acontecesse em espaços diferentes dos que temos hoje). “[...] é fundamental tratarmos sobre a necessidade do pensamento reflexivo para as ações pertinentes ao bem da sociedade, por isso, pensar no pensamento científico e ligá-lo à formação humana [...]” (Perin, Viguria Guerendiáin; Bonetti, 2022, p. 18). Entendemos que o pensamento reflexivo é necessário em qualquer período da nossa história e que fomentá-lo em nossas atividades docentes favorece a sociedade de modo geral.

A preocupação com a leitura como saber indispensável para a formação humana, paulatinamente adentrou a cultura dos povos ocidentais e o uso prático deste saber são questões presentes tanto no período

de Hugo de São Vítor quanto hoje. Essa permanência dá-se pela educação escolar nas sociedades, desde o início de sua urbanização, que em longa duração nos permite entender por que questões apontadas na obra clássica deste mestre medieval podem ser análogas as que enfrentamos hoje na educação brasileira.

De acordo com os pressupostos hugonianos, o exercício das capacidades intelectivas – que só ocorre se assim o ser humano decidir – pode colaborar com a melhoria de seu comportamento perante a sociedade. Compreender a história da nossa sociedade é inerente para que dela participemos com consciência. Deste modo, poderemos assumir nosso papel dentro da comunidade onde estamos, buscando reduzir o embrutecimento que a falta de conhecimento pode nos ocasionar. Assim, inferimos que a leitura (a serviço da memória social) pode ser usada tanto para formar bons professores quanto para a Educação Básica.

Hugo de São Vítor pondera sobre o impacto do comportamento daquele que ensina sobre aqueles que aprendem, enfatizando que as atitudes virtuosas devem ser escolhidas proposital e racionalmente. Com suas instruções, compreendemos que a atitude ante ao conhecimento será bem mais relevante nas aulas do que o discurso utilizado, e que é necessário oferecermos aos nossos alunos instruções e direcionamento para suas práticas estudantis. Deste modo, os docentes devem buscar leituras que favoreçam sua compreensão histórica da sociedade onde vive.

No que tange à Educação Básica, entendemos que a habilidade de ler e interpretar fluentemente o que é lido pode promover a compreensão da história. Esse entendimento histórico desempenha um papel crucial na formação dos estudantes, tornando-os conscientes de seu papel na sociedade; fornecendo-lhes um senso de identidade e pertencimento ao revelar as origens e o desenvolvimento da sociedade em que vivem; ajudando-os compreenderem a si mesmos e ao mundo ao seu redor em um contexto mais amplo e permitindo-lhes reconhecer as conexões entre o passado e o presente.

O conhecimento histórico proporciona, à alunos e professores, sensibilidade para compreender a complexidade das questões sociais, econômicas e políticas, desafiando a considerar várias causas e consequências dos eventos. Isso nutre o pensamento crítico e a capacidade de argumentação. Ao reconhecer a complexidade da condição humana, a história fornece condições para questionar-se narrativas simplistas e buscar soluções adequadas para os problemas atuais. Por seu potencial formativo, a leitura deve ser utilizada de modo coerente. Essa discussão nos aproxima de uma análise dos problemas sociais que vivenciamos, não em busca de respostas prontas, mas sim de uma reflexão sobre nossas práticas versus nossa função social.

Viver em comunidade exige comportamentos virtuosos (voltados para o bem comum), reflexão sobre escolhas e análise das situações passadas. De diversas formas, Hugo de São Vítor abordou a memória como condição para o estudo. Nesse caso, podemos indagar: o que nós, enquanto pesquisadores da Educação, temos proposto para que os dados da próxima edição do INAF sejam melhores? Entrevemos que prezar pelo ensino da leitura e interpretação de textos seja o melhor caminho para a manutenção da memória histórica, que proporciona a identidade das sociedades.

Ao refletirmos sobre a importância da memória (no sentido histórico) para preparo de estudantes, remetemo-nos à importância do ofício do historiador, bem como das pesquisas em História e Historiografia da Educação. Le Goff (1990, p. 476) argumenta que “[...] a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Para que nos tornemos personagens principais de nosso aprendizado, é preciso, antes de tudo, que nos conheçamos. É necessário buscar em

nós as correções que apontamos para a nossa sociedade. Não aceitarmos ser usados para a manutenção do descaso com a formação intelectual de nossos alunos é uma árdua tarefa. Entretanto, é nossa responsabilidade.

Mendes (2011) alerta-nos de que não podemos aplicar na História o caráter cumulativo, pois, em muitos casos, a interpretação de um estudioso é oposta ao que os historiadores da geração passada à sua conceberam. Apesar de, intelectualmente, o ser humano ser capaz disso, cabe a ele mesmo escolher se continuará do ponto de partida do qual os estudiosos que os precederam pararam. Mesmo isso não acontecendo, os estudos e pesquisas históricas continuam a colaborar com o nosso conhecimento sobre a humanidade, e conhecê-la é um exercício de autoconhecimento.

É inerente, para este processo, o aprendizado da leitura e da escrita em nível proficiente. Exercitar as capacidades intelectivas, o raciocínio lógico e a abstração, é necessário para que novos caminhos sejam traçados e que as injustiças sejam reduzidas. É imperativo garantir que a nossa parte seja feita. Formar alunos e professores que consigam identificar os assuntos implícitos dos textos que lhes são oferecidos é o mínimo que podemos esperar da Educação no século XXI.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BONETTI, Carolina Peixoto Gontijo de Oliveira; PERIN, Conceição Solange Bution. A Sapiência, a Filosofia e a Ciência: Elementos Fundamentais para a Concepção Educativa de Hugo de São Vítor (1096-1141). In: *Conjectura: Filosofia e Educação*, v. 28, e. 023004. 2023. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/9250> . Acesso em: 13 fev. 2024.

BLOCH, Marc. **A Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2002.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.html. Acesso em: 09 fev. 2024.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GAMERO, Carmen Muñoz. **El pensamiento pedagógico de Hugo de San Víctor Didascálicon de Studio legendi**. 2008. 554 f. Tese (Doutorado História de la Educación y Educación Comparada) – UNED, Madrid. 2008.

GUIZOT, François. **História da Civilização na Europa**. Lisboa: Parceria Antonio João Maria, 1907.

HUGO DE SÃO VÍTOR, Didascálicon. **Da arte de ler**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2001 [1127].

ILLICH, Ivan. **En El Viñedo Del Texto: Etología de la lectura: un comentario al Didascalicon de Hugo de San Víctor**. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **INAF Brasil 2018: indicador de alfabetismo funcional: principais resultados**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br>. Acesso em 02 fev. 2023.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. Sobre Homens e Animais: As Relações Humanas e os Conceitos de Tradição e Harmonia no Metalógicon de João de Salisbury (C. 1120-1180). In: Zierer, A.; Vieira, A. L. B. (org). **História Antiga e Medieval - Conflitos Sociais, Guerras e Relações de Gênero: Representações e Violência**. São Luiz, MA. Editora UEMA, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. **O Apogeu da Cidade Medieval**. São Paulo -SP: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro - RJ: José Olympio, 2006.

MARCHIONNI, Antônio. Introdução. In: HUGO DE SÃO VÍTOR, Didascálicon. **Da arte de ler**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2001.

MENDES, Claudinei Magno Magre. A importância da pesquisa de fontes para os estudos históricos. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 33, n. 2, p.205-209, 2011.

NUNES, Ruy Afonso Costa. **História da Educação na Idade Média**. São Paulo - SP: USP, 1979.

OLIVEIRA, Terezinha. **Ensino e debate na Universidade Parisiense do Século XIII: Tomás de Aquino e Boaventura de Bagnoregio**. Maringá - PR: Eduem, 2012.

OLIVEIRA, Terezinha; BOVETO, Lais. A potencialidade na filosofia da educação antiga e medieval. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 35, n. 74, p. 1-34, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/60609/32859> . Acesso em: 15 jan. 2024.

PERIN, Conceição Solange Bution; SANTIAGO, Viviane Paes. Hugo de Saint-Victor: Considerações de um Clássico Sobre Questões Educacionais. **Imagens da Educação**, v. 6, n. 3, p.107-116, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v6i3.29451>. Acesso em 30 jan. 2024.

PERIN, Conceição Solange Bution; LÍA, Viguria Guerendiáin; BONETTI, Carolina Peixoto Gontijo de Oliveira. Raimundo Lúlio (1232-1316) e o Diálogo Entre a Filosofia e a Teologia. **Notandum**, v. 60, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/notandum.vi60.65675>. Acesso em: 13 fev. 2024.